

**Sobre-vivência(s): a escrita diaspórica de Chimamanda Adichie,
Julia Alvarez e Conceição Evaristo¹**

**(Dis)locating: Chimamanda Adichie, Julia Alvarez and Conceição
Evaristo's diasporic writing**

*Tito Matias-Ferreira Júnior**
tito.matias@ifrn.edu.br
Instituto Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: A escrita das autoras Chimamanda Adichie, Julia Alvarez e Conceição Evaristo aborda histórias sobre suas vivências como meio de sobrevivência. O fazer literário de Adichie, Alvarez e Evaristo expõe a condição da mulher, especialmente as mulheres de cor, dentro de um contexto social hegemônico fortemente marcado pelo manejo entre o patriarcalismo, as questões socioeconômicas e étnico-raciais e as mulheres na contemporaneidade. Nesse sentido, este trabalho, de caráter comparativo, investiga a maneira como a escrita de Adichie, Alvarez e Evaristo trata do deslocamento vivenciado pelas autoras para compreender como suas identidades se configuram após serem submetidas, de forma voluntária ou não, a deslocamentos geográficos que, por consequência, fomentam seus conhecimentos e reconhecimentos enquanto mulheres no mundo contemporâneo. Desta maneira, o propósito deste artigo é promover um diálogo entre estas autoras com o objetivo de investigar como elas lidam com sua condição diaspórica e refletem em suas narrativas conceitos a ela entrelaçados, tais como questões de gênero, de identificação, assim como questões étnico-raciais por meio de reflexões das autoras em relação tanto aos

¹ Este artigo é um desdobramento de um dos capítulos de minha tese de Doutorado e foi apresentado no XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2019.

* Doutor em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre também em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada (UFRN). Pós-graduado (Especialização) em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Possui Aperfeiçoamento em Reciprocal Academic Exchange Program: Letras (Linguística e Educação) pela Universidade do Texas em Austin (UT) e Graduação em Letras - Licenciatura e Bacharelado - pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atuou como Leitor de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Cultura Brasileira da University of the West Indies - Cave Hill Campus - Barbados (Caribe) por meio do programa de Leitorado diplomático promovido pelo Ministério de Relações Exteriores/Itamaray e pela CAPES. Foi Visiting Research Scholar na Duke University (DUKE), nos EUA, com bolsa concedida pela Fulbright Brasil. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Português para Estrangeiros, Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Literatura e Prática de Ensino de Língua Inglesa. Atualmente é Professor Efetivo de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e Coordenador de Pesquisa e Inovação do campus São Paulo do Potengi.

seus papéis de escritoras em deslocamentos quanto às configurações de tais movimentos em seu fazer literário.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora. Mulheres de cor. Escrita.

ABSTRACT: This paper aims at investigating how Chimamanda Adichie, Julia Alvarez and Conceição Evaristo deal with the cultural, political, social, and economic dislocation they have undergone throughout their lives. Such dislocations foster the comprehension of the way the identities of women of color are configured after being subjected, voluntarily or not, to geographical dislocations that, as consequence, promote their knowledge and recognition as modern world women. Therefore, this study provides a comparative study among the literary craft of the writers aiming to examine how Alvarez, Adichie and Evaristo handle their diasporic condition and reflect associated concepts related to it, such as gender, identification, and ethnic-racial questions. Thus, the positioning of these writers is examined according to their diasporic condition, as well as investigate their identification as women of color, along with their condition as dislocated women.

KEYWORDS: Diaspora. Women of Color. Writing.

Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity. [...] [W]hen we reject the single story, when we realize that there is never a single story about any place, we regain a kind of paradise. (ADICHIE, 2009, informação verbal)².

A escrita das autoras Chimamanda Adichie, Julia Alvarez e Conceição Evaristo aborda histórias sobre suas vivências como meio de sobrevivência. O fazer literário de Adichie, Alvarez e Evaristo expõe a condição da mulher, especialmente as mulheres de cor, dentro de um contexto social hegemônico fortemente marcado pelo manejo entre o patriarcalismo, as questões socioeconômicas e étnico-raciais e as mulheres na contemporaneidade. Nesse sentido, este trabalho, de caráter comparativo, visa discutir o papel dessas escritoras, uma vez que elas passam por uma série de transformações devido às suas trajetórias de descolamentos, dentre elas transformações culturais, econômicas, sociais e identitárias.

A partir de suas movimentações geográficas, elas adquirem novas formas de (re)conhecimento(s) da condição diaspórica de suas trajetórias. Avtar Brah afirma que

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 21 mar. 2018.

a palavra diáspora “incorpora uma noção de um centro, um *lócus*, uma ‘casa’ de onde a dispersão ocorre. Evoca imagens de jornadas múltiplas” (BRAH, 1996, p. 181, grifo da autora, tradução nossa)³. Retratar as jornadas múltiplas experimentadas em alguns de seus romances parece ter lugar, a fim de determinar a configuração da subjetividade feminina de suas personagens.

De acordo com Sandra Almeida (2011, p. 302), apesar de as mulheres em trânsito não se estabelecerem coesamente em um grupo unificado, estes deslocamentos da contemporaneidade promovem a emergência do distinto papel das mulheres ao ressignificar contatos culturais, uma vez que “a crítica feminista [...] apodera-se da palavra, narrativizando os construtos imaginários, [...] apossando da escrita como forma de desestabilizar o poder instituído e de refletir sobre questões de poder e agenciamento” (ALMEIDA, 2011, p. 300). Com isso, necessita-se:

[...] pensar o literário como um campo privilegiado de inserção dos estudos feministas e como um espaço de articulação e contestação de narrativas que ainda insistem em se posicionar como hegemônicas, apesar dos questionamentos que têm ocorrido nos últimos anos, especialmente diante dos discursos [...] que se balizam necessariamente por questões de poder. (ALMEIDA, 2011, p. 302-303)

Dessa forma, por meio da representação de mulheres em deslocamentos, suas personagens passam a vivenciar outras maneiras de (re)conhecimento(s) perante sua condição diaspórica ao questionarem a sua posição e significância dentro do diálogo, ou até mesmo a falta de possibilidade de dialogar, com a cultura hegemônica.

Sobre temas recorrentes em sua escrita, tais como etnicidade, cultura, feminismo, entre outros, Chimamanda Adichie sustenta que a escrita não deve ser enquadrada, de forma normativa, em certos padrões literários: “[...] Eu não acredito em uma literatura prescritiva. Eu não acho que os escritores devam escrever isso ou escrever aquilo. Eles devem apenas escrever. Eu falo por mim mesma e estou interessada em apresentar as coisas como elas são e em desafiar nossa hipocrisia coletiva. (ADICHIE, 2005 *apud* ANYA, 2005, n.p., tradução nossa)⁴”. Anya (2005, n.p.)

³ [...] embodies a notion of a centre, a locus, a ‘home’, from where the dispersion occurs. It evokes images of multiple journeys [...] (BRAH, 1996, p. 181, grifo no original).

⁴ [...] I don’t believe in being prescriptive about literature. I don’t think writers should write this or write that. They should just write. I speak for myself alone and I am interested in presenting things as they are and in challenging our collective hypocrisy (ADICHIE, 2005 *apud* ANYA, 2005, n.p.).

ressalta que, mesmo muitas vezes escrevendo sobre sua vivência, Adichie se empenha em não redigir ficção autobiográfica como a maioria de suas histórias e, por fim, sinaliza o ato de escrever para Adichie como uma necessidade, quase uma compulsão. A própria escritora destaca, dentre outras matérias de seu fazer literário, tópicos como “[...] a Nigéria, claro, bem como nigerianos na diáspora. As sutilezas da raça, especialmente nos Estados Unidos. O lugar, papel e escolhas das mulheres nigerianas” (ADICHIE, 2005 *apud* ANYA, 2005, n.p., tradução nossa)⁵.

Já em sua entrevista para Susan VanZanten⁶, professora do Departamento de Língua Inglesa da Seattle Pacific University/EUA, Chimamanda Adichie, anos mais tarde, se lembra de ter questionado a rotulação do fazer literário de autores em geral ao ter que se definir enquanto escritora, já que, para ela, não se deve atrelar outros sentidos à sua própria definição além de ser contadora de histórias. Contudo, depois de receber o prêmio “Orange Prize for fiction”, em 2007, mesmo com o incômodo inicial por ter sido considerada a primeira pessoa africana a ser agraciada pela premiação, pois Adichie acreditava que, talvez, outros africanos tivessem sido nomeados anteriormente, Adichie nota que rótulos passam a ter outras perspectivas dependendo de seu contexto:

[...] Eu recebi muitos e-mails de africanos, não apenas de africanos, mas também de caribenhos, para quem minha vitória se tornou pessoal. Uma mulher jamaicana que mora em Londres escreveu para me contar que ela guardou os recortes de jornais porque queria mostrá-los à filha quando ela ficasse mais velha. Nesse caso, ter pessoas me vendo como uma mulher negra africana foi um momento comovente para mim e um momento de orgulho. [...] Às vezes alguém vai lhe chamar de escritora feminista e você escutará a ironia em sua voz. Em outras situações, alguém usará as mesmas palavras e você sabe que eles estão descrevendo sua consciência de gênero e justiça, e eles não acham que isso é necessariamente uma coisa ruim. É o mesmo quando alguém diz escritor africano. Às vezes você sabe que eles o consideram um sub-gênero um pouco menos digno da literatura real, e então se torna ofensivo. Mas outras vezes você percebe que eles estão apenas descrevendo o que você faz⁷ (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p., tradução nossa).

⁵ [...] Nigeria, of course, as well as Nigerian in Diaspora. The subtleties of race, especially in America. The place and role and choices of Nigerian women (ADICHIE, 2005 *apud* ANYA, 2005, n.p.).

⁶ Disponível em: <https://imagejournal.org/article/conversation-chimamanda-ngozi-adichie/>. Acesso em: 11 mai. 2018.

⁷ [...] I got so many emails from Africans, not just from Africans but Caribbean people as well, for whom my win became personal. A Jamaican woman who lives in London wrote to tell me how she had saved the clippings because she wanted to show them to her daughter when her daughter was older. In that case, having people see me as a black African woman was a moving moment for me, and a moment of pride. [...] Sometimes someone will say feminist writer, and you can hear a sneer in their voice. At other

Ademais, sobre a maneira em que o gênero se relaciona com as questões de identidade, Adichie afirma que sua escrita prioriza as experiências de mulheres, pois seu foco não se estabelece em retratar apenas suas vivências, mas também as de suas irmãs, primas, amigas, mulheres de modo geral. Para ela, o debate em torno das questões de identidades se centra, primordialmente, em dependência ao local onde o sujeito se encontra:

[...] eu li *Roots* e fiquei muito comovida com Kunta Kinte, mas nunca pensei em mim como negra. Lembro-me em Broklyn, depois de estar nos EUA talvez por um mês, um homem afro-estadunidense se referiu a mim como irmã e pensei: Que rude! Eu não quero isso! Eu tinha assistido à TV e sabia que ser negro não era uma coisa boa, então eu pensei, não, não me inclua no seu grupo. Eu não faço parte de vocês. Foi preciso ler e questionar e entender a história afro-estadunidense, da qual eu não tinha muita noção, para aceitar essa identidade, e da qual eu estou completamente feliz em fazer parte agora. (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p., tradução nossa)⁸.

Para Chimamanda Adichie, o fato de ser uma escritora diaspórica faz com que ela, assim como outros sujeitos em trânsito, possua identidades deslocáveis, pois sua corporeidade está susceptível a formas diferentes de resignificação:

[...] A raça simplesmente não se faz lembrada por mim na Nigéria. Você se torna outra coisa, embora ainda haja rótulos. Lá eu sou uma mulher Igbo, e há o estereótipo do Igbo como um povo pão-duro, então se eu estou com um grupo de amigos de diferentes grupos étnicos em Lagos e eu digo algo como, oh, isso é muito caro, eles dirão, oh, sua igbo. E então na minha cidade natal, eu não tenho isso porque a maioria das pessoas ao meu redor é Igbo. Assim, a identidade muda. Estou particularmente interessada em como isso acontece quando você sai de casa. Nos EUA você toma consciência da raça, mas a dinâmica de gênero também muda. Conheço várias nigerianas que descobriram que podiam fazer coisas nos EUA que, na Nigéria, não achavam que pudessem. Com sua família e amigos ao seu redor, você tem o peso da tradição, de como as coisas são feitas. Mas então você se muda para um novo lugar e pensa: por que diabos não? Isso afeta

times someone will use the same words and you know they're describing your awareness of gender and justice, and they don't think it's necessarily a bad thing. It's the same when someone says African writer. Sometimes you know they consider it slightly less worthy sub-genre of real literature, and then it becomes offensive. But at other times you realize they're just describing what you do (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p.).

⁸ [...] I'd read *Roots* and I was very moved by Kunta Kinte, but I never thought of myself as black. I remember in Broklyn, after I had been in the U.S. maybe a month, an African-American man referred to me as sister, and I thought, How offensive! I don't want it! I had watched TV and I knew that to be black was not a good thing, so I thought, no, don't include me in your group. I am not part of you. It took reading and asking questions and understanding African-American history, which I didn't have much of a sense of, to accept that identity, which I am completely happy now (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p.).

o gênero [...] ⁹. (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p., tradução nossa).

Ainda sobre a tentativa de rotulação do fazer literário de Adichie, Emma Brockes (2017) revela que:

[...] é com uma ambivalência que muitos nigerianos a consideram [...]; no ano passado, sua oficina terminou com uma sessão de perguntas e respostas, durante a qual um jovem se levantou para fazer uma pergunta à famosa romancista. “Eu costumava amar você”, ela se lembra dele dizendo. “Eu li todos os seus livros. Mas desde que você começou toda essa coisa de feminismo, e desde que você começou a falar sobre essa coisa de gay, eu não tenho mais certeza em relação à você. Como você pretende manter o amor de pessoas como eu” ¹⁰ (BROCKES, 2017, n.p., tradução nossa).

Conforme Adichie, o feminismo se torna um fator fundamental de seu fazer literário para ser capaz de fornecer outras alternativas à universalização de estereótipos e normas sociais que marcam e manivelam a posição e a identidade do sujeito contemporâneo. Assim, como ponderado por Adichie:

[...] [e]ssa ideia de feminismo como um grupo para o qual apenas poucas pessoas selecionadas entram: é por isso que muitas mulheres, particularmente mulheres de cor, se sentem afastadas do feminismo acadêmico ocidental dominante. Sabe por que, não queremos que seja abarcante? Para mim, o feminismo é um movimento para o qual o objetivo final é torná-lo sem necessidade. Eu acho que esse feminismo acadêmico é interessante, pois pode dar uma linguagem às coisas, mas eu não estou muito interessada no debate sobre terminologias ¹¹ (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p., tradução nossa).

⁹ [...] [r]ace just doesn't occur to me in Nigeria. You become something else, though there are still labels. There I am an Igbo⁹ woman, and there's the stereotype of the Igbo as a penny-pinching people, so if I'm with a group of friends from different ethnic group in Lagos and I say something like, oh, that's really expensive, they'll say, oh, you Igbo woman. And then in my hometown, I don't have that because most people around me are Igbo. So identity shifts. I'm particularly interested in how it changes when you leave home. In the U.S. you discover race, but gender dynamics also change. I know a number of Nigerian women who have discovered that they could do things in the U.S. that in Nigeria they didn't think they could. With your family and friends around you, you have the weight of tradition, of how things are done. But then you move to a new place and you think, why the heck not? That affects gender [...]. (ADICHIE, 201- *apud* VANZANTEN, 201-, n.p.).

¹⁰ [...] [i]t's an ambivalence with which many Nigerians regard her, [...]; last year, the workshop ended in a question-and-answer session, during which a young man rose to ask the famous novelist a question. “I used to love you,” she recalls him saying. “I've read all your books. But since you started this whole feminism thing, and since you started to talk about this gay thing, I'm just not sure about you anymore. How do you intend to keep the love of people like me?” (BROCKES, 2017, n.p.).

¹¹ [...] [t]his idea of feminism as a party to which only a select few people get to come: this is why so many women, particularly women of colour, feel alienated from mainstream western academic feminism. Because, don't we want it to be mainstream? For me, feminism is a movement for which the end goal

Adichie compreende a necessidade da terminologia “feminismo” para nomear o conjunto de ações contra aquilo que tem sido normatizado, principalmente em relação à posicionalidade de homens e mulheres e suas diferenças tanto biológicas quanto socialmente construídas. Contudo, a escritora reconhece que “[...] as mulheres negras em particular resistem a essa palavra [feminismo] porque a história do feminismo tem sido muito branca e assumiu que mulheres significavam mulheres brancas¹²” (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p., tradução nossa); porém, presume que necessita-se exercer “[...] o feminismo com frequência suficiente para começar a perder todo o estigma e se tornar algo inclusivo e diversificado¹³” (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p., tradução nossa).

Já a autora Julia Alvarez, em seu *site* oficial, deixa claro as razões de ter se tornado uma escritora:

[...] [q]uando me perguntam o que me transformou em escritora, aponto para a experiência divisora de águas de ter vindo para este país. Por não entender a língua, tive que prestar muita atenção em cada palavra – um ótimo treinamento para uma escritora. Eu também descobri o mundo acolhedor da imaginação e dos livros. Lá, eu finquei minhas novas raízes. [...]. Quando criança, adorava histórias, ouvi-las e contá-las. Como a nossa cultura era oral, as histórias não eram escritas. Precisei vir para este país para que a leitura e a escrita se tornassem aliados em minha mente junto com a contação de histórias^{14, 15} (ALVAREZ, 201-, n.p., tradução nossa)

Em relação à tal determinação, Julia Alvarez, em conversa com Heather Rosario-Sievert (1997), professora associada da Hostos Community College/EUA, atribui o início de seu fazer literário à imigração forçada para os Estados Unidos no

is to make itself no longer needed. I think this academic feminism is interesting in that it can give a language to things, but I'm not terribly interested in debating terms (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p.).

¹² [...] particularly black women resist that word [feminism] because the history of feminism has been very white and has assumed women meant white women (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p.).

¹³ [...] feminism often enough that it starts to lose all the stigma and becomes this inclusive, diverse thing (ADICHIE, 2017 *apud* BROCKES, 2017, n.p.).

¹⁴ [...] When I'm asked what made me into a writer, I point to the watershed experience of coming to this country. Not understanding the language, I had to pay close attention to each word -- great training for a writer. I also discovered the welcoming world of the imagination and books. There, I sunk my new roots. [...]. As a kid, I loved stories, hearing them, telling them. Since ours was an oral culture, stories were not written down. It took coming to this country for reading and writing to become allied in my mind with storytelling (ALVAREZ, 201-, n.p.)

¹⁵ Disponível em: <www.juliaalvarez.com/>. Acesso em: 15 mai. 2018.

ano de 1960. Por ter iniciado seu ofício muito jovem, Alvarez constata que talvez nunca tivesse se tornado escritora se ela e sua família tivessem permanecido na República Dominicana e, por consequência, falasse somente a língua espanhola. Por gostar de histórias, caso não tivesse imigrado para os EUA, ela acredita que poderia ter se tornado uma contadora de histórias, mas não escritora (ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 32).

Com efeito, a mudança geográfica, junto com a apresentação de uma nova língua, o inglês, acarretaram seu interesse no mundo da linguagem e, de maneira igual, da escrita. Alvarez e seus familiares imigraram da República Dominicana para os Estados Unidos devido às atividades políticas de seu pai contra a ditadura militar que assolava a ilha caribenha. Compreender a língua inglesa aos dez anos se tornou uma necessidade de sobrevivência para a escritora e, assim, a inteligência do funcionamento da linguagem e dos discursos em inglês, naquela época, ainda sua língua estrangeira, impulsionou seus primeiros escritos. Segundo ela,

[...] meu interesse pela linguagem se desenvolveu por ter sido repentinamente transposta para essa língua, para esse lugar e, de repente, ter que aprender uma língua intencionalmente. É algo que acontece com todos os escritores, mesmo em seu próprio idioma, mas eu tinha dez anos de idade, ouvia o que as pessoas estavam dizendo, e ficava imaginando porque eles usavam uma palavra em vez de outra; porque eles expressavam algo desse ou daquele jeito. E também percebi que era [uma questão de] poder. Nós, minha família, simplesmente não sabíamos o idioma. Eu vi o quão importante era ser hábil na língua. Por exemplo, meu pai tinha um sotaque forte e não era compreendido, minha mãe também tinha sotaque: isso significava que éramos tratados de maneira diferenciada. [...] Eu percebi que as palavras tinham poder, e isso fez com que eu ouvisse a língua atentamente para aprendê-la de forma cuidadosa¹⁶ (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 32, tradução nossa).

A vivência diaspórica de Julia Alvarez afeta sua escrita, pois o agenciamento de sua porção estadunidense e sua porção caribenha, em geral, colidem e criam conflitos que transparecem em seus textos, mas, por ser o resultado desta mistura de

¹⁶ [...] [m]y interest in language developed because of being suddenly transposed to this language, to this place, and suddenly having to learn a language intentionally. It's something that happens to all writers even in their own language, but I was ten years old and listening to what people were saying, wondering why they used one word instead of another, why they phrased something this way or that way. And I also realized it was power. We—my family—just didn't have the language. I saw how important having a skill in language was. For instance, my father had a thick accent and couldn't be understood, my mother had an accent, too: it meant we were treated in a certain way. [...] I saw that words were power, and that made me listen carefully to language and learn it in a very deliberate way (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 32).

mundos, Alvarez é capaz de enxergar certas perspectivas culturais nem sempre compreendidas pela cultura hegemônica. Sua escrita, então, resulta dessas negociações geográficas, linguísticas e culturais. Logo, a escritora elucida: “[...] eu creio que muito do jeito que eu enxergo o mundo tem a ver por [eu] ser uma combinação, me sentindo um pouco marginal em cada lugar. Então as coisas que eu observo—minha consciência de classe ou raça—certamente ocorre porque eu sou a pessoa que sou”¹⁷ (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 36, tradução nossa).

Ter se estabelecido como escritora, mesmo pertencendo a mundos tão conflitantes, propicia a Alvarez um senso de sobrevivência. O reconhecimento tanto dos leitores quanto da crítica literária estadunidense, por meio dos prêmios recebidos por suas publicações, parece atenuar seu esforço de uma possível adequação entre culturas. Tais esforços remetem a Julia Alvarez os seguintes momentos:

[...] [q]uando as crianças no parquinho tiravam sarro de alguma coisa que eu dizia, eu jurava que aprenderia muito bem a língua deles, e os *socaria* com ela. Lembro-me de ensinar em uma escola, e um pai ligou para perguntar porque uma mulher espanhola ensinava inglês para as crianças. Isso alimentou o fogo em mim. Portanto, eu possuía uma grande necessidade de me afirmar¹⁸ (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 37, grifo no original, tradução nossa).

Com efeito, a escrita de Julia Alvarez se baseia em suas experiências enquanto uma mulher diaspórica e permeiam o limiar entre o biográfico e o ficcional. Contudo, ela afirma que, apesar de seu primeiro romance *How the García Girls Lost their Accents* (1991) possuir traços marcantes de sua vivência de imigrante nos Estados Unidos, há também muita ficcionalização. Para Alvarez, é a combinação, o exagero, a adição e a recriação dos elementos biográficos, geralmente presentes na escrita de primeiros romances, que tornam uma obra mais original do que autobiográfica. (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 35). Acerca do caráter autobiográfico de algumas obras literárias, Alvarez (2000), em seu ensaio intitulado “A Note on the Loosely Autobiographical”, observa que:

¹⁷ [...] I think a lot of the way I see the world has to do with [myself] being a combination, feeling slightly marginal in each place. So the things I observe—my consciousness of class or race—certainly come out of the fact that I’m the person that I am (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 36).

¹⁸ [...] [w]hen the kids in the playground would make fun of something I said, I swore I would learn their language so well, I would *whup* them with it. I remember teaching in a school, and a parent called up to ask why a Spanish woman was teaching the kids English. That stoked the fire in me. So I had a great sense of feeling affirmed (ALVAREZ, 1997 *apud* ROSARIO-SIEVERT, 1997, p. 37, grifo no original).

[...] [t]odos os romances são vagamente autobiográficos, mas alguns romances são mais do que outros. A ficção em alguns romances é mais transparente que em outros. Podemos ver a vida do escritor através dela. [...] Se não tivéssemos esse culto à personalidade do escritor, não teríamos todas essas informações sobre escritores. Romances seriam apenas romances, obras que operam em sua própria arte – algo que eles devem fazer com o tempo, de qualquer forma, se quiserem durar¹⁹ (ALVAREZ, 2000, p. 165, tradução nossa).

Aliás, ao construir seus textos vagamente autobiográficos, Alvarez (2000) lida com territórios deslizantes e fantasiosos, repletos de mentiras, vidas e ficção. O desapontamento da família da escritora em relação ao seu primeiro romance, *How the García Girls Lost their Accents* (1991), trouxe julgamento de seus familiares, uma vez que eles não a consideraram uma escritora verdadeira por não ter produzido um livro em que os personagens não se assemelhassem tanto com a sua própria história. Entretanto, segundo Julia Alvarez (2000), o exercício de rememoração de uma vivência de sua família evidencia que a memória é reconstruída por pequenos fragmentos, sem uma cronologia exata e nem uma constância. É por meio deste mecanismo contraditório que os escritores diaspóricos constroem a sua verdade, possibilitada pelo uso de suas reminiscências.

Pelo fato de usarem suas memórias para restabelecer o que já foram e o que são, tais autores se valem de sua verdade imaginativa (RUSHDIE, 1990, p. 10). Portanto, escritores como Julia Alvarez são conscientes de que não obterão uma verdade precisa de seu passado. Na realidade, suas visões fragmentadas e memória falível permitirão que eles somente se lembrem de fragmentos do que eles já foram, sem alcançar uma verdade universal.

A escritora Conceição Evaristo, por outro lado, obteve seus primeiros contatos com histórias e narrativas por meio da contações de histórias marcadas pela ancestralidade, como também pelas conversas escutadas de sua mãe, tias, e vizinhas, experiências que a escritora define como “oralitura”, pois, segundo ela, “[...] [c]resci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia” (EVARISTO, 2005, n.p). Do mesmo modo, como ela pontua, “[...] [n]ão nasci rodeada de livros, mas rodeada de palavras. Havia toda uma herança das

¹⁹ [...] [a]ll novels are loosely autobiographical, but some novels are more loosely autobiographical than others. The fiction in some novels is more transparent than in others. We can see through it to the life of the writer. [...] [I]f we didn't have this cult of the personality of the writer, we wouldn't have all this information about writers. Novels would be just novels, works that operate on their own art – which they must do over time, anyhow, if they are to last (ALVAREZ, 2000, p. 165).

culturas africanas de contação de histórias” (EVARISTO, 2016 *apud* CAZES, 2016, n.p.). Assim sendo,

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite (EVARISTO, 2005, n.p.).

O ambiente onde cresceu não proporcionou a Evaristo a familiaridade com os livros e com a leitura, pois as limitações da favela, com sua pobreza e sua restrição física, dentre outras barreiras vividas por sua condição de vida durante sua infância e adolescência, reforçaram o aspecto de contar histórias entre seus familiares. Mesmo sem condições econômicas para adquirir livros e pela pouca habilidade em escrever, sua mãe se interessava e incentivava Evaristo e seus irmãos a aprender e criar interesse pelo mundo escrito das palavras, ao “[...] recolh[er] livros e revistas e mostra[r] para nós, mesmo sem saber ler” (EVARISTO, 2016 *apud* CAZES, 2016, n.p.). Nesse sentido,

[...] Foram [...] essas mãos lavadeiras, [...] com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente, seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. Daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam nossa pobreza [...] (EVARISTO, 2005, n.p.).

Seu letramento se realizou durante o seu período escolar na infância, e seu interesse pela leitura e escrita aflorou e, com isso, começou a se destacar nos concursos de redação e nos clubes de leitura da escola. Contudo, sua condição econômica de miséria não possibilitou um aprendizado contínuo na esfera escolar, já que necessitou interromper seus estudos por diversos momentos a fim de ajudar sua

mãe no sustento de sua casa. Assim, “[...] [t]rabalhou como babá, faxineira, vendedora de revistas[;] [...] seguia o caminho das mulheres da família que tinham vindo antes dela [...]” (CAZES, 2016, n.p.), mas não abandonou os estudos e se formou no curso normal aos 25 anos de idade. Evaristo admite que aprender a ler e escrever a conscientizou sobre as restrições impostas a ela devido à sua condição social, econômica, cultural, étnica e de gênero:

[...] [l]er foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho (EVARISTO, 2003, n.p.)

De fato, a escrita evaristana está marcada por temas ainda marginalizados pela cultura hegemônica, assim como pelo cânone literário, ao abordar temas como a condição da mulher negra, visto que, “[...] [e]ssa escrita minha parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu sou” (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.). Tal opção se apresenta de forma consciente, visto que, segundo Evaristo, “[...] escrever dessa forma [...] me marca como cidadã e como escritora também” (EVARISTO, 2016 *apud* CAZES, 2016, n.p.).

Além do retrato da condição da mulher negra brasileira, a escrita de Conceição Evaristo também expressa a linguagem diária de grupos subalternizados, posicionados quase sempre à margem do discurso hegemônico. Para ela, “[...] o falar brasileiro é tão misturado com o falar africano, com o indígena. “[...] [T]emos uma literatura muito diversa, que tem que ser reconhecida na sua potencializarem, no seu lugar de nascença. O lugar de minha literatura é esse outro lugar” (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.). Seu fazer literário composto de outras compreensões, a partir da óptica dos esquecidos e silenciados pela cultura hegemônica, pode concretizar a vontade de inserção desses grupos para além da literatura oral:

[...] [a] partir do que eu vejo da minha família, a literatura é também um objeto de desejo das classes populares. Numa sociedade como a nossa, que é uma sociedade escrita, as pessoas têm consciência que aquele sujeito que sabe ler, que sabe escrever, tem poder. Um sujeito analfabeto tem consciência do processo de exclusão que sofre. Uma literatura que possa, de certa forma, traduzir, que traz no texto literário

essa dinâmica da linguagem popular (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.).

Entretanto, tanto os discursos, acadêmicos ou não, quanto as dinâmicas sociais, assim como os textos literários de grande acesso, reforçam o apagamento da presença, da língua e dos costumes de negros na sociedade brasileira com a promoção de uma universalidade, uma unidade construída como característica do significado de ser brasileiro, por meio do esquecimento das contribuições das culturas de matriz africana no Brasil. No tocante à função da academia diante dos processos de esquecimento e exclusão da cultura negra como um todo, Evaristo contende que:

[...] [s]e a gente pensa a academia como espaço de produção de conhecimento, uma das primeiras atitudes seria ouvir. [...] [Há] uma relação de troca, mas ainda é uma relação de troca injusta, porque [...] nos oferece a possibilidade de aprendermos o saber branco. [...] É preciso que a academia aprenda a incorporar os saberes negros. No campo da literatura, que é meu campo, é preciso que essa academia aprenda a ler autores negros, inclusive aqueles que já são consagrados. [...]. A academia tem que descer do pedestal e ter essa habilidade de lidar com textos novos. Um fato que leva para a minha escrita, umas meninas no Rio de Janeiro quiseram trabalhar com *Olhos D'Água* e levaram o livro para o professor. Ele se recusou, disse que não era literatura, que ele nunca tinha ouvido falar. Dias depois, eu ganhei o Jabuti, justamente com esse livro. A academia tem que estar aberta para o novo. [...] Tem alguns centros que estão mais abertos. Só que ainda tem o conservadorismo que quer pautar pelo cânone. Quem cria o cânone? (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.).

A escritora confronta esse caráter universal também na produção literária e em seu consumo, pois, ao se promover um padrão universal de literatura, não se leva em consideração as especificidades do fazer literário de mulheres, e, primordialmente, de mulheres negras, “[...] porque quem cria os parâmetros são determinadas culturas europeias, que vão definir esse universal”. (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.). Como ressaltado por Evaristo,

[...] a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda [encontra-se] ancorada nas imagens

de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor [...] (EVARISTO, 2003, n.p.).

A escrita evaristana se apresenta, assim, como um “[...] contra-discurso literário à literatura consagrada” (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p.), por entender que os textos produzidos pela literatura universal não se mostram convidativos à questão da representatividade de mulheres de cor e, muitas vezes, desumanizam suas vivências. Para Evaristo,

[...] [s]e existe uma literatura universal, [...], eu acho que estou fazendo esta literatura. Acho que uma literatura que parte de uma experiência de mulher negra e que é capaz de convocar a humanidade do outro, não expulsá-la, isso é universal. Eu, com todas as minhas diferenças, ser capaz de convocar. [...] [A]ssim como a História do Brasil “esqueceu” de contar determinados fatos da trajetória dos africanos e seus descendentes aqui, a literatura também esqueceu de compor personagens mais próximos da nossa realidade (EVARISTO, 2018 *apud* CANOFRE, 2018, n.p., grifo no original).

Pela conscientização da necessidade de uma literatura universal no sentido de abarcar não somente os saberes e as vivências daqueles da cultura das elites, mas também os conhecimentos, a linguagem e experiências dos sujeitos periféricos em todos os âmbitos das sociedades, Evaristo singulariza o seu fazer literário por meio de “escrevivências”, uma escrita assinalada pelas experiências daqueles quase nunca representados pela cultura hegemônica. Dessa forma, a sua escrevivência “[...] compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra” (EVARISTO, 2005, n.p.). Com isso, visando ressignificar o papel das mulheres de cor, por meio da oposição dos estereótipos produzidos pela literatura universal e de sua invisibilização pela cultura hegemônica, tanto Conceição Evaristo, quanto outras escritoras negras,

[...] buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre (vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. [...] [S]obre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares

contam, se postam atentas e diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas. (EVARISTO, 2003, n.p., grifos no original).

Evaristo, então, utiliza sua escrita como uma ferramenta de reposicionamento em relação aos espaços culturais de diferença e inferiorização delimitados pela cultura hegemônica; possibilitando sua inscrição no mundo para além da subalternidade. Dessa forma, como observado por Evaristo, “[...] [e]screver adquire um sentido de insubordinação. [...]. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2003, n.p., grifo no original). À vista disso, conforme a escritora ressalta:

[...] [g]osto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco ... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de referir a um silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2003, n.p.).

Com isso, o combate à coisificação do povo negro e, em especial, das mulheres negras, é promovido por meio da escrita evaristana, compondo as personagens negras de outra forma, em oposto a posição de objeto designadas a elas; com base em suas experiências e vivências enquanto mulheres negras na sociedade brasileira. O escrever dessa vivência, ou, como Evaristo define, essa escrevivência a partir de uma perspectiva genuína acerca da condição dos afrodescendentes brasileiros e não sua construção estereotipada do discurso hegemônico, obliterando-os, quase sempre, de sua representatividade na configuração do povo brasileiro.

O lugar da pobreza, há séculos é historicamente reservado aos negros e negras do Brasil, afinal, marca o lugar de escrita de Evaristo, uma vez que a propicia um olhar indagador sobre o seu passado e uma conscientização para buscar alternativas outras para o presente a fim de vislumbrar mudanças para o futuro. Conceição Evaristo, assim, faz de sua escrita uma ferramenta de negociação e enfrentamento face à subalternização e marginalidade de sujeitos negros e, de maneira primordial, mulheres negras entre os territórios de dominação do discurso e da cultura hegemônica.

Por fim, o diálogo promovido entre as autoras Chimamanda Adichie, Julia Alvarez e Conceição Evaristo objetivou investigar como tais escritoras lidam com sua condição diaspórica e refletem, em seus escritos, conceitos a ela entrelaçados, tais como questões de gênero, de identificação, assim como questões étnico-raciais por meio de suas reflexões em relação tanto aos seus papéis de escritoras em deslocamentos quanto às configurações de tais movimentos em seu fazer literário. Dessa forma, a escrita de narrativas ficcionais ou não de Adichie, Alvarez e Evaristo oportuniza uma nova perspectiva de poder, ao abordar sobrevivências de mulheres posicionadas em cenários fortemente marcados pelo machismo, pela discriminação, assim como pelo racismo estrutural. Assim, por meio de suas histórias, as autoras buscam quebrar as barreiras do silenciamento; superando a tradição do silêncio imposta há anos às mulheres, em especial, às mulheres de cor.

Referências

ADICHIE, C. N. *Chimamanda Adichie: the danger of a single story*. [S. l.: s. n.], 07 out. 2009. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ALMEIDA, S. R. G. O poder da escrita: gênero, espaço e afeto na literatura contemporânea. *Cerrados*, [S. l.], v. 20, n. 31, p. 293-315, 2011.

ALVAREZ, J. A. Note on the Loosely Autobiographical. *New England Review*, vol. 21, n. 4, p. 165-166, 2000.

ALVAREZ, J. A. Julia Alvarez. In: *Julia Alvarez*, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.juliaalvarez.com/>. Acesso em: 21 maio. 2018.

BRAH, A. Diaspora, border and transitional identities. In: BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996. p. 178-210.

BROCKES, E. Chimamanda Ngozi Adichie: 'can people please stop telling me feminism is hot?'. *The Guardian*, [S. l.], Mar. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/mar/04/chimamanda-ngozi-adichie-stop-telling-me-feminism-hot>. Acesso em: 12 mai. 2018.

CANOFRE, F. Conceição Evaristo: 'Falar sobre preconceito no Brasil é derrubar o mito de democracia racial'. *SUL21*, [S. l.], maio 2018. Seção Areazero. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em: 21 mai. 2018.

CAZES, L. Conceição Evaristo: a literatura como arte da 'escrevivência'. *O GLOBO*, [S. l.], jul. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: 21 mai. 2018.

EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: *Nossa Escrevivência*, [S. l.], Maricá, 2003. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Nossa Escrevivência*, [S. l.], 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. Nossa Escrevivência. In: *Nossa Escrevivência*, [S. l.], 2018. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 21 maio. 2018.

ROSARIO-SIEVERT, H. Conversation with Julia Alvarez. *Review: Literature and Arts of the Americas*, [S. l.], v. 30, n. 54, p. 31-38, 1997.

RUSHDIE, S. Imaginary homelands. In: RUSHDIE, Salman. *Imaginary homelands*. London: Granta Books, 1990. p. 9-21.

VANZANTEN, Susan. A conversation with Chimamanda Ngozi Adichie. Entrevistada: Chimamanda Ngozi Adichie. *Image Journal*, [S. l.], n. 65, [201-]. Disponível em: <https://imagejournal.org/article/conversation-chimamanda-ngozi-adichie/>. Acesso em: 12 mai. 2018.

Recebido em 09/05/2022

Aceito em 07/06/2022

Publicado em 27/06/2022